

## TEMA EM DISCUSSÃO

# HISTÓRIA ORAL: O RELATO E A ANÁLISE

Três pesquisadores discutem o tema em artigos comentados pela  
Profa. Dra. Maria de Lourdes Mônaco Janotti

A discussão teve lugar em Mesa Redonda realizada durante o 26º Encontro  
Nacional de Estudos Rurais e Urbanos, em 21 de maio de 1999.

## COMENTÁRIOS

*Maria de Lourdes Mônaco Janotti\**

Gostaria de cumprimentar pessoalmente todos os participantes do 26º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos – CERU 1999, mas na impossibilidade de estar presente, exponho-lhes algumas poucas reflexões sobre os textos que compõem a mesa-redonda “História Oral: o relato e a análise”.

Primeiramente vejamos o texto “Trabalhando com História Oral: reflexões sobre procedimentos de pesquisa” da Profa. Dra. Alice Beatriz da Silva Gordo Lang.

Nesse trabalho a autora reafirma sua posição de que a História Oral é uma metodologia qualitativa de pesquisa, incluindo uma postura: conhecer a versão dos agentes, versões marcadas pela posição social de cada um. Destaca também a distinção entre depoimento, história de vida e relato de vida e a necessidade de analisar e interpretar o documento produzido. Sob esse ponto de vista, enfatiza que o procedimento analítico deve realizar-se em todos os momentos da pesquisa, desde a situação da entrevista até os passos finais interpretativos.

Exemplifica a teoria esboçada pela análise de dois relatos obtidos no desenvolvimento do projeto “Imigrantes portugueses na área metropolitana de São Paulo, 1930-1963”. Considerou ambas entrevistas de Anália e Raul como relatos de vida, tendo analisado detalhadamente a forma do relato. Trabalhou de dois modos a edição das entrevistas: as recordações de Anália foram reagrupadas para dar melhor seqüência, e com Raul, devido a seu discurso linear, a edição seguiu a transcrição.

A análise do conteúdo ganha dimensão sociológica e histórica significativa na medida em que os narradores possuem experiências e situação econômica diferentes. Apresenta-se, nesse momento, como elemento fundamental e referência necessária, o conhecimento que a pesquisadora tem sobre o quadro histórico português no momento de imigração que focaliza.

Apesar de fortes diferenças entre os entrevistados é de se notar traços culturais que os aproximam como o casamento endogâmico, as ligações religiosas, o universo simbólico que os liga a Portugal, ressaltando-se, contudo, o fato de que imigrantes de qualquer etnia mostram-se menos receptivos às mudanças de seus países de origem do que os que lá permanecem.

Gostaria de ouvir a autora sobre a seguinte questão: seu trabalho nos leva a refletir sobre a dinâmica histórica que se processa em ritmos diferentes nos países que recebem os imigrantes e naqueles de onde são oriundos. Nesse processo dá-se

---

\* Professora do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP.

um fenômeno cultural importante: o apego dos migrantes a muitos valores tradicionais, antes por eles considerados motivadores de sua resolução em deixar o país de origem. Além disso, no caso brasileiro, grande parte dos imigrantes portugueses, italianos e espanhóis identificou o salazarismo, fascismo e franquismo com o orgulho perdido pela pátria natal, no auge do nacionalismo.

O texto “Espanhóis em São Paulo: recuperando uma imigração silenciada” da Profa. Dra. Maria Antonieta Antonacci, procura recuperar a exigüidade de fontes sobre a imigração espanhola, partindo das possibilidades encontradas em acervos institucionais de sociedades beneficentes e de socorro mútuo hispano-brasileiras e de alguns números de jornais. Dessas fontes surgiram perguntas e o encontro com pessoas que haviam imigrado no início do século.

Concebendo a metodologia da História Oral significativa para apreensão da história social, no que tange às experiências individuais, considera-se especial instrumento para compreensão do fenômeno migratório. Assim pretende, ao trabalhar com memórias de imigrantes, ultrapassar os limites impostos pelos parâmetros das ciências convencionais, em grande parte baseados “em tempo cronológico oficial”.

Compreender o imigrante espanhol nos próprios tempos e espaços por ele construídos, não reduzindo-os a manequins sem expressão, parece-nos ser o maior objeto dessa pesquisa.

Trabalhando com depoimentos de mulheres espanholas idosas e carentes imigradas entre 1914 e 1926, a autora encontrou inúmeras semelhanças em suas trajetórias de vida, marcadas pela pobreza, pelo universo rural e, posteriormente, pela vinda à cidade de São Paulo onde se integraram em diversas atividades da metrópole em crescimento, tendo ainda em comum alguns familiares vinculados ao comércio de ferro-velho.

A expansão de São Paulo é o momento privilegiado pela autora por surpreender os problemas enfrentados por esses imigrantes e os caminhos de auto-ajuda que encontraram.

O aproveitamento do material sucateado por fábricas está presente nos depoimentos, levando-nos a compreender particularidades desse processo de trabalho que chegou a ser lucrativo. Em grande parte, a atividade de recolher ferro-velho identificou o grupo étnico espanhol na cidade de São Paulo. Esse trabalho autônomo criou uma mentalidade divergente daquela encontrada entre operários espanhóis que se dedicaram à luta política.

A depoente Dona Encarnación atribui o fim do bom tempo do ferro-velho à Revolução de 24, o que não deixa de ser uma interpretação muito pessoal que dá à sua história familiar. Nesse momento indago à autora sobre como interpreta essa posição da depoente pois, como sabemos, foi o desenvolvimento da industrialização paulista que exigiu a racionalização dos trabalhos subsidiários de fornecimento de matéria-prima.

Surge da pesquisa realizada aspectos da condição feminina no interior dessa economia informal, marcada pela ausência de liberdade e realização pessoal. A divisão do trabalho estabelecida consagrava a autoridade masculina da qual emanavam as regras do permitido ou não permitido.

Esse trabalho fez-me pensar nas diferenças profundas da trajetória de Dona Encarnación com a de militantes anarquistas espanholas que desenvolveram diversas atividades pedagógicas e culturais junto aos filhos de operários. Oradoras vigorosas, apologistas da liberdade, da mesma época de Dona Encarnación. Sobre isso gostaria de ouvir a Profa. Antonacci.

A Profa. Dra. Dulce C. A. Whitaker organizou seu texto em torno do tema “Análise de entrevistas em pesquisas com História de Vida”.

Há anos a autora vem se dedicando ao estudo dos assentamentos agrários na região de Araraquara, sempre dentro de uma perspectiva crítica e teórica na qual a postura dialética é fundamental. Vê os fenômenos como sínteses de múltiplas determinações, procurando os significados que elas encerram. Tem a intenção de captar no processo histórico os diferentes níveis em que se dão as mediações. Ao mesmo tempo desenvolve uma compreensão – antropológica e weberiana – dos atores sociais.

Pergunta, com procedência, se a História Oral tem dado conta dessas posturas analíticas, isto é, “captando o sujeito, as determinações, as mediações, o processo”. Respondendo a sua própria proposição, vê a história de vida, técnica adequada ao estudo dos processos ligados à exclusão social e reveladora de novos atores em novos espaços sociais, como procedimento capaz de permitir a captação de contradições e mediações desde que “teorizadas pelo materialismo histórico”.

Exigente quanto à abordagem da análise científica, constata que muitos pesquisadores da História Oral não a aplicam. Indica dois grupos de problemas oriundos desse desrespeito: a transcrição do discurso do entrevistado e a postura teórica que deve orientar a análise e a interpretação do material coletado. Quanto à transcrição, tema que já foi apresentado pela autora em outros textos, demonstra que a reprodução fonética do discurso obtido desvirtua o material colhido afetando, de forma preconceituosa, a fala dos sujeitos da zona rural, o mesmo podendo se dizer dos iletrados em geral. Detém-se, então, nos problemas referentes à edição das transcrições, denunciando a violação do testemunho pelo pesquisador que o reorganiza para que adquira lógica e coerência. O respeito à sintaxe original permite vislumbrar as hesitações, dúvidas, contradições, etc., elementos fundamentais do caráter dialético do discurso que lhe confere significados próprios.

Da mesma forma, insiste na transcrição das perguntas do entrevistador que animam a interlocução, bem como na necessidade do pesquisador fazer ele próprio a transcrição. Alerta para o perigo de se procurar no relato apenas os elementos que comprovam a hipótese inicial, quando a postura do investigador deve ser a de permitir que o material empírico possa testar e refutar suas proposituras.

Teoricamente as narrativas, representações que são, devem ser interpretadas segundo postulados seguros que permitam relacioná-las com a totalidade histórica. Sob esse aspecto, publicar histórias de vida sem qualquer análise não está de acordo com procedimentos científicos. Portanto, considera “inócua a análise de qualquer depoimento por pessoas que não tenham participado de sua produção”, pois estas não podem detectar os momentos relevantes do discurso narrativo sem o domínio dos referenciais teóricos que definem o objeto mais amplo.

Terminando seu texto a autora exemplifica suas posições metodológicas e teóricas analisando, com absoluta propriedade, o depoimento do Sr. Geraldo Antônio Pio, um assentado do núcleo IV da Fazenda Monte Alegre.

Acredito que esse texto levantou questões fundamentais para o encaminhamento teórico e metodológico de trabalhos com História Oral. Gostaria que a autora comentasse sua posição quanto à captação do real “nas entrelinhas do discurso”, surpreendido tanto pela sensibilidade quanto pela escolha da teoria que se coaduna com a pesquisa, assim como a questão da totalidade histórica na análise das histórias de vida.

Agradecendo às colegas que integram esta mesa-redonda, manifesto minha satisfação em ter tido acesso a textos tão estimulantes.